

## O DIREITO E O AVESSE

Algumas observações sobre a concepção platônica do mundo em JGR. Elementos orientais e cristãos

Heloísa Vilhena de Araújo

"And he that lived his appointed time well shall return again to his abode in his native star..."

Plato – *Timaeus*, 42b

### 1 – O RECADO DO MORRO

"O recado do Morro", em *Corpo de baile*, trata, como está dito em suas linhas introdutórias, do "avesso" de "um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadreiro Pedro Orósio (...) e teve aparente princípio e fim, num julho-agosto, nos fundos do município onde ele residia...".

Já neste primeiro parágrafo acumulam-se e comprimem-se os contrários, introduzindo a atmosfera ambígua, instável, em que se desenrola a narração: vida e morte; extraordinário e comum; princípio e fim; julho-agosto (fim do primeiro semestre e começo do segundo); direito e avesso. E, também, a realidade e o contar desta realidade: o real e o imaginado.

A narração acompanha – constitui à medida que narra – uma viagem de ida e volta. Por onde? Por um lado, é uma viagem que vai da região de Cordisburgo e Maquiné, em Minas Gerais, até os gerais que entram por Goiás, de volta. Por outro lado, trata-se de uma viagem para o interior, para o país natal, para o passado, para dentro, e de volta. O direito da narração narra a paisagem de Minas e dos confins de Goiás. O avesso, invisível – o interior – não é narrado diretamente: é inferido a partir do direito. Este avesso da descrição da paisagem de "O Recado do Morro" e, se se presta atenção, o autor que narra: por detrás da estória está seu contador – está João Guimarães Rosa. O direito e o avesso da viagem for-

mam, portanto, conjugados, uma viagem de fora para dentro — de Minas, neste caso, para o interior: para a lembrança da viagem, isto é, para a viagem interiorizada, contada. É viagem do mundo real (Minas) para o da imaginação (o conto). A narração está estreitamente articulada ao que é narrado: nasce do que é narrado e, ao mesmo tempo, o cria — o formula em outro nível. Trata-se, portanto, de uma viagem por fora e por dentro, ao mesmo tempo: pelo direito e pelo avesso. Trata-se de uma viagem de fora para dentro e de dentro para fora: do visível para o invisível e do invisível para o visível.

Ao iniciar-se a narração, já encontramos a viagem começada, a meio, pela serrania, à vista do morro das Garças. Cinco homens viajam juntos e, ao mesmo tempo, separados, desparelhados. O guia, Pedro Orósio, descalço, viaja à frente, trazendo atrás de si um naturalista europeu, um padre e um fazendeiro. Fecha a retaguarda um outro sertanejo, o Ivo Crônico, a cavalo.

O guia, Pedro Orósio, como o nome indica, é o homem da montanha, de Minas Gerais: é Pedro/pedra; é montanha/"oros". É o homem apegado à solidez da terra, que a pisa descalço e que a trabalha com as mãos. Por outro lado, sua atenção rastreia os caminhos da terra. Orienta-se para as estradas, para as viagens, para a movimentação: é o guia. Solidez e movimento.

"De seu, o guia Pedro Orósio preferisse mesmo viajar a pé, ou, talvez, culpa de seu tamanho, nem acharia esvalgadura que lhe assentasse. Mas ele era um sete- pernas. Abrindo passo muito extenso e ligeiro, e, tão forçoso, de corpo nunca se cansava. Por mais, aqueles ali não estavam apurados, iam jornada vagarosa. O loureço, seo Alquiste, parecia querer remedir cada palmo de lugar, ver apalpado as grutas, os sumidouros, as plantas do castiçal e do mato. Por causa, esbarravam a toda hora, se apeavam, meio desertavam desbandando da estrada-mestra." (6)

"Pedro Orósio achava do mesmo modo lindeza comum nos seus cam-poe-gerais, por saudade de lá, onde tinha nascido e sido criado. Mas, outras coisas, que seo Alquiste e o frade, e seo Jujuca do Açude referiam, isso ficava por ele desentendido, fechado sem explicação nenhuma; assim, que tudo ali era uma Lundiana ou Lundlândia, destes nomes. De certo, segredos ganhavam, as pessoas estudadas; não eram para o uso de um lavrador como ele, só com sua saúde para trabalhar e suar, e a proteção de Deus em tudo. Um enxadeiro, sol a sol debruçado para a terra do chão, de orvalho a sereno, e puxando toda força de seu corpo, como é que há de saber pensar continuamente?" (11/12)

"E Pedro Orósio não podia parar quieto. O estatuto de seu corpo requeria sempre movimentação: tinha de estar trabalhando, ou caminhando, ou caçando como se divertir." (24)

Pedro Orósio é o homem corpóreo. Ele inicia o movimento. Seguem-se três tipos distintos de pensamento humano, claramente identificáveis: o pensamento científico (seo Alquiste), que observa, anota, cataloga, classifica, que capta o mundo através dos sentidos, principalmente, dos dados —

"Ao dito, seu Alquiste estacava, sem jeito, a cavalo não se governava bem. Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. A gameleira grande está estrangulando com raízes a paineira pequena! — ele apreciava, à exclama. Colhia com duas mãos a ramagem de qualquer folhinha campã sem serventia para se guardar: de marroio, carqueja, sete-sangrias, amorzinho-seco, pé-de-perdiz, João-da-costa, unha-de-vaca-roxa, olhos-de-porco, copo-d'água, língua-de-tucano, língua-de-teiú. Uma hora revirou e correr atrás, agachado, feito pegador de galinha, tropeçando no bamburral e espichando tombo, só por ter percebido de relance, inho e zinho, fugido no balango de entre as moitas, o orobô de um nhambú. Outra-mão, ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal." (8)

— o pensamento que venera o desconhecido, o invisível, fora da área dos sentidos, recebido como revelação (Frei Sinfrão) —

"Ou o Frade frei Sinfrão, sempre rezando, em hora e folga, com o terço ou no missalzinho; mas rezava enormes quantidades, e assim atarefado e alegre, como se no lucrativo de um trabalho, produzindo, e não do jeito que as pessoas comuns podem rezar: a curto e com distração, ou então no por-socorro de uma tristeza ansiada, em momentos de aperto." (10/11)

— e o pensamento prático, que calcula, que planeja a vida para o futuro (Jujuca) —

"Mesmo o seu Jujuca do Açude, rapaz moço e daqui, mas com seus estudos da lide certa de todo plantio de cultura, e das doenças e remédios para o gado, para os animais. Pois seo Jujuca trazia a espingarda, caçava e pescava; mas, no mais do tempo, a atenção dele estava no comparar as terras do arredor, lavoura e campos de pastagem, saber de tudo avaliado, por onde pegava a pena comprar, barganhar, arrendar — negociar alqueires e novilhos, madeiras e safras; seo Jujuca era um moço atilado e ambicionero." (11)

Os três juntos — Alquiste, Sinfrão e Jujuca — são o homem pensante.

Arremata o grupo o Ivo Crônico, emprestando-lhe sua característica geral: o tempo ("cronos").

Assim, vemos que o corpo (Pedro Orósio) e a alma (Alquiste/Sinfrão/Jujuca) humanos viajam no tempo (Ivo). O corpo e a alma humanos são efêmeros e não eternos. Estão sempre na situação de já ter sido, de estar sendo e de vir a ser: situados no tempo. São, portanto, mortais. A viagem deste corpo/alma é, assim, viagem de vida e de morte, daquele que se sabe mortal. Daqueles que estão vivos e cujo destino certo é a morte. Assim, a viagem do mortal, de quem está entre a vida e a morte — terreno ambíguo — é a viagem que se desenrola, ao mesmo tempo, em direção ao passado (à vida, ao nascimento, ao país natal, à origem) e ao futuro (à morte, ao destino). No tempo, o mortal foi, é e será.

O grupo que viaja, portanto, ao pé do morro das Garças, é um organismo vivo — um corpo/alma. Mas é um organismo ainda, de certa maneira, desarticulado. Suas partes movimentam-se juntas mas não se compreendem entre si e distraem-se, debandando da "estrada-mestra".

"Mesmo, senso reconhecia, no que estavam praticando os três donos viajantes — 'Eu estou de férias, descendo...' — frei Sinfrão explicava. E carregava pedras — confessando, doutrinando, pondo o povo para rezar conjunto, onde estivessem, todas as noites; e terminou uma novena no Marciano, e já na Nhá Selens começava outra. E seo Jujuca aprendia tudo de seu interesse — tirava conversa com os sidentes e vaqueiros, já traçava projeto de arrendar por lé um quadrado de pastagens, que ali terra e bezerras formavam mais em conta. E o seo Olquiste estudava o que podia, escrevia a monte em seus muitos cadernos, num lugar recolheu a ossada inteirs limpa de uma anta-sapateira, noutro ganhou uma pedra enfeitosa, em formato de fundido e cores de bronze, noutro comprou para si um couro de dez metros de sucuri macha. — 'Cada um é doido de sua banda!' — definia o Ivo, a respeito. E em combinavam no rir, Pedro Orósio e ele." (27)

Evidentemente este organismo vivo ainda não se integrou numa consciência de si mesmo totalizadora. Está fragmentado e suas ligações são tênues e inconscientes.

A narração da viagem é, pois, uma imagem móvel do Tempo. O Tempo existe neste organismo vivo — que viaja — e este, por sua vez, vive no Tempo — viaja. Mas o Tempo ("cronos"), como diz Platão, é uma imagem móvel da Eternidade ("aion") (Timeu, 37-cde).

## 2 — O TIMEU

Como uma das epígrafes ao conto "O Recado do Morro", Guimarães Rosa colocou uma citação de Plotino que, por sua vez, cita Platão. E cita Platão com referência à criação e ordenação do universo, do cosmos:

"O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso — diz ele — que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua."

Plotino

Mas, quem citou Platão através de Plotino foi Guimarães Rosa, foi o "avesso" do conto. A citação parece ser, portanto, forte indicação do avesso, indício para uma busca, através do direito, do autor invisível no conto. Assim, examinemos mais atentamente o Timeu, diálogo de Platão que dá conta da formação do cosmos. "O melhor, sem dúvida, é escutar Platão"...

No Timeu, a formação do universo é narrada através de outra narração: Crítias conta estória, que lhe tinha chegado através do avô, atribuída a Solon, um dos Sete Sábios da Grécia. Solon, por sua vez, a ouvira de um sacerdote egípcio. Temos, portanto, uma cadeia de citações sobre citações se partimos da epígrafe de Plotino: João Guimarães Rosa que cita Plotino, que cita Crítias, que cita o avô, que cita Solon, que cita o sacerdote egípcio. A narração de Guimarães Rosa é uma estória que lembra a lembrança da lembrança: é história. E tempo. Uma cadeia de sete citações. Uma cadeia de sete cópias. Cópias de quê?

Segundo a narrativa do sacerdote, o cosmos é tirado do caos pré-existente pelo Deus que copia a partir do Modelo da Eternidade — a partir da Idéia do Bem. O cosmos, para Platão, é cópia da Eternidade. Sendo cópia, não é a própria Eternidade. Não é eterno, está no tempo. Está dividido em dois círculos básicos, articulados entre si e que possuem movimentos diferentes: o movimento do Mesmo e o movimento do Outro. O movimento do Mesmo é movimento em torno de si mesmo, sobre si mesmo e no mesmo lugar. O movimento do Outro, por outro lado, sai de si e volta a si, em movimento circular, dividido em 7 esferas: do Sol, da Lua, de Saturno, de Marte, de Vênus, de Hermes e de Júpiter. O movimen-

to do Mesmo é o que mais próximo está do Modelo e é captado somente pelo pensamento: é aquele das estrelas fixas. O movimento do Outro é o sensível, captado pelos sentidos do corpo: é aquele dos planetas (planeta, em grego, tem o sentido de viajante).<sup>1</sup> Com a criação do céu, isto é, das estrelas fixas e dos planetas, está criado o Tempo, constituído, como fica claro, por estes dois períodos — destas duas viagens ("peri-odos") — que se fazem em sentido contrário. Ao final do Ano Completo, o Tempo completa-se e os oito círculos encontram-se.<sup>2</sup> Os dois movimentos — do Mesmo e do Outro —, articulados, são a Alma do Mundo e a imagem animada, móvel, da Eternidade — são a cópia (que é o Tempo).<sup>3</sup>

Mas a Alma é, ao mesmo tempo que movimento externo (ligado aos sentidos), movimento interno (ligado ao pensamento). Ao mesmo tempo em que é movimento externo — espaço — é movimento interno, sobre si mesmo — tempo. É direito e avesso.

Ao contrário dos outros seres vivos, como as plantas, a alma dos mortais (que faz parte da Alma do Mundo) "turns within itself around itself" e tem a capacidade "for discerning or reflecting upon any of its own experiences" (Timaeus, 77-bc). A alma vê-se a si mesma, como se dispusesse de um espelho: ela reflete. O que a caracteriza é o reflexo. Reflexos de si mesma que lhe vêm através dos sentidos, do corpo: reflexos visuais (imagens), sonoros (ecos), olfativos, gustativos, tácteis. O corpo fornece espelho para que a alma, invisível — fora da área dos sentidos — perceba-se a si mesma, receba uma imagem sensível de si mesma. Neste refletir, o corpo, por sua vez, adquire alma, anima-se.<sup>4</sup>

Da mesma forma, no "O Recado do Morro", o morro inanimado, anima-se ao refletir, em eco, a alma do grupo que sobre ele viaja. Ao refletir como um espelho o organismo vivo — corpo/alma — que se desloca na sua proximidade.<sup>5</sup> Ao perceber-se no eco do morro, o grupo tem uma "visão" de si mesmo e, neste ver-se, adquire uma forma — um rosto —, articula-se, integra seus fragmentos numa imagem única, numa identidade determinada.

<sup>1</sup>Com frequência, Pedro Orósio tirava de bolso um espelhinho adonde se supria de se mirar, vaidoso da constância de seu rosto." (9) \*

\* Além da citação de Plotino, acima transcrita, encontramos como epígrafe ao conto "O Recado do Morro" uma citação de Ruyabroeck, que ajuda, igualmente, a Pedro Orósio e à sua solidez: "A pedra preciosa de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana em todas as suas partes".

E a imagem de si — o eco, o recado do morro — é a imagem da morte, do fim-dô-mundo. O organismo vivo, ao perceber-se em sua identidade, percebe-se como mortal. A consciência de si é acompanhada da consciência da mortalidade própria. A consciência de si — a maior integração do organismo vivo — acarreta e é efeito da consciência da morte. Do fim. Com a consciência da morte, sobrevém o tempo: a saudade e a memória do passado, da origem, por um lado, e a antecipação, o pressentimento do futuro, do destino, por outro. O recado do morro, repetido em eco sete vezes — pelo Malaquias, Gorgulho, Zaquias, Guégue, Nominedômine, Coletor e Laudelim —, faz com que Pedro Orósio se lembre da terra natal e tenha o pressentimento do futuro, da morte. Os "sete homens pelos altos caminhando" (32, 34, 40, 49, 54, 61, 69) — os planetas caminhando pelo céu — são a imagem, o reflexo, o eco da Eternidade: a cópia do Modelo. Pedro Orósio, o homem corpóreo, ao viajar arrastando consigo seus outros fragmentos mal-integrados — inconscientes —, acompanha, no tempo, o movimento — os períodos, os caminhos — do Mesmo (da Montanha, do Morro, da terra que está sempre presente debaixo dos pés) e o movimento do Outro — dos planetas: o grupo passa, na ida e na volta, pelas sete fazendas do seu Jove (Júpiter). D. Vininha (Vênus), Nhá Selena (Lua), Apolinário (Sol), Marciano (Marte), Nhô Hermes (Hermes) e Saturnino (Saturno): \*

"Ainda na vérpera, na Fazenda do Saco-dos-Cochos, de seu Juca Saturnino, tinham falhado, aparecera o Marei, primo do Ivo, os dois resumiram muita conversa apertada." (12)

"As quais, sol a sol e val a val, mapeados por modos e caminhos tortos, nas principais tinham sido, rol: a do Jove, entre o Ribeirão Maquiné e o Rio das Pedras — fazenda com espaço de casarão e sobrefartura; a dona Vininha, aprazível, ao pé da Serra do Boideiro — aí Pedro Orósio principiou namoro com uma rapariga de muito quilate, por seus escolhidos olhos e sua fina alvura; o Nhô Hermes, à beira do Córrego da Capivara — onde acharam compra de cinquenta novinhos curraleiros; a Nhá Selena, na ponta da Serra de Santa Rita — onde teve uma festinha e frei Sinfrão disse duas missas, confessou mais de uma dúzia de pessoas; o Marciano, na falda da Serra do Repartimento, seu contraforte de mais cabo,

\* Há ainda a duplicação dos deuses — dos planetas — em outros personagens que se reúnem, no final, no encontro fatal com Pedro: Jovelino, Veneriano, Martinho, Hélio Dias Nemes, João Lualino, Zé Azogue (Azogue: nome vulgar do mercúrio) e o Ivo Crônico (pág. 28). Fecha-se o ciclo: é o Ano Completo.

mediando da cabeceira do Córrego da Onça para a do Córrego do Medo — lá o Pedro quise teve de aceitar ajuizada briga com um campeiro morro-vermelhano; e, assaz, passado o São Francisco, o Apolinário, na vertente do Formoso — ali já eram os campos-gerais, dentro do sul." (26)

Ao completar a viagem — o período —, os oito círculos de movimentos desencontrados encontram-se no choque da consciência da morte, na consciência de si. Com a consciência, corpo e alma integram-se e a totalidade animada, imaginada, pensada, liberta-se e regressa ao Modelo de onde saiu.<sup>5</sup> Regressa à origem — à sua estrela —, saltando pelas estrelas fixas que são a imagem mais aproximada do Modelo eterno: Pedro, que se inclinava para a terra, salta, agora, pelas estrelas, pelo céu. Sua alma, de atada e restrita aos sentidos do corpo, ao tempo, liberta-se, agora, para o espírito, para a contemplação do Modelo.<sup>6</sup>

"Com asco, com pena, então o depositou, o depôs, menino, no centro do chão.

Dai, com medo do crime, esquipou, mesmo com a noite, abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até os seus Gerais." (70)

No "O Recado do Morro", portanto, Minas Gerais, a terra natal de João Guimarães Rosa, é lembrada e guardada com todos seus detalhes sensíveis, reais, em sua especificidade concreta, nas palavras do conto. A realidade torna-se realidade lembrada, animada, contada por Guimarães Rosa e este, num movimento ambíguo de reflexo, torna-se Minas Gerais. João Guimarães Rosa encarna-se na paisagem de Minas e, de invisível que é, torna-se visível. A sua idéia — o seu platonismo — encarna-se e toma forma na paisagem real — natural e humana — de Minas: de abstrato, concretiza-se na especificidade da paisagem mineira. O contar do conto é, portanto, constante transformar do real em estória, em mito, em imaginação, em alma, em reflexo, em João Guimarães Rosa. Ao contar a movimentação da alma e do corpo, isto é, ao contar a vida — a viagem do grupo de Pedro Orósio —, o conto transforma a vida, a viagem, em estória, em imaginação, em lembrança. É imagem da vida.

E a viagem — a vida — é apresentada, aqui, como um movimento de inversão dos contrários, movimento especular de articulação dos contrários. Sua imagem é, assim, essencialmente ambígua. Imagem do direito e do avesso, ao mesmo tempo. Imagem de um grupo de viajantes pelo direito (Pedro, Alquiste, Sinfrão, Juj-

ca e Ivo) e pelo avesso (Guégué, Joãozezim, Nominatedmine, Coletor e Laudelim): o corpo e o pensamento racional, pelo direito; o corpo e o pensamento irracional, pelo avesso. Olquiste tem seu reflexo irracional no Coletor que, como o naturalista, anota tudo, desta vez, sem qualquer ordem: "Escrevia em papel, riscava no chão, entalhava em casca de árvore, em qualquer parte (...). Ia alinhando números tão descabados de compridos, que pessoa nenhuma não era capaz de tabuar: seus ouros, suas casas, suas terras, suas boiadas no invernar, sua cavalaria de ótimas eguadas, seus contos-de-réis em numerário, cada lançamento daqueles era feito uma correição de formiguinhas pretas infleiradas" (52). Por outro lado, o reflexo irracional de seo Jujuca é o Guégué, que cuidava dos afazeres práticos da fazenda, a seu modo: "Ah, era um especialmente, o Guégué! — Dona Vininha e seu Nhôto contavam, ara de rir. Tratava dos porcos de ceva, levava a comida dos camaradas na roça, e cuidava a contento de todo serviço do terreiro, prestava muito zelo" (33). A religiosidade prática de Frei Sinfrão espelha-se, de modo contrário, na irracionalidade do misticismo de Nominatedmine: "Mas, nesse justo momento, vinham chegando os frades — frei Sinfrão e frei Florduardo — e vinham enérgicos. O Nominatedmine, de lá do altar, curvou mesura profunda, e agarrou a acabar de sermoar, depressa ainda mais, sabendo que agora lhe sobrava pouquinho tempo" (49/50). Pedro tem seu reflexo contrário em Laudelim Pulgapé (Pedro tem a alcunha de Pê-Boi e Laudelim, de Pulgapé: um, boi, o outro, pulga) que, ao contrário de Pedro que rastreia a terra, o corpo, o sensível, "dava de com os olhos não ver, ouvido não escutar, e se despreparava todo, nuveja" (55). Finalmente, o contrário de Ivo parece ser Joãozezim: Ivo viaja na rabeira, é o último do grupo; Joãozezim é menino pequeno, é o primeiro, está no início da vida. Além dos reflexos em par — racional/irracional —, cada um dos aspectos acima mencionados reflete-se em cada um dos outros e vice-versa. As imagens não cessam de inverter-se num movimento de direções opostas, vasculante, de ida e volta.

Por outro lado e ao mesmo tempo, Olquiste/Coletor é ainda Guimarães Rosa, observando e anotando suas viagens pelo interior de Minas Gerais e Goiás, o mesmo acontecendo com os outros pares racional/irracional. Todos eles são aspectos de Guimarães Rosa: seu lado científico (de médico, de naturalista), seu lado religioso, seu lado prático, seu lado infantil, seu lado de poeta, seu lado de

loucura. E, além disso, sua característica geral de grupo viajante (de mortal, de "diplomata"): todos seus aspectos articulados, em movimentação e transformação. O texto do conto parece indicar que, para Guimarães Rosa, o indivíduo não é uma identidade monolítica, uniforme, mas sim uma "sociedade" de aspectos articulados e em movimentação.

E preciso, ainda, assinalar que o par Malaquias/Zaquias expressa, por sua vez, o avesso do grupo enquanto tal — enquanto conjunto que viaja. Malaquias e Zaquias são os solitários, os sem-grupo, os indivíduos uniformes, sedentários, que vivem dentro da pedra, nas cavernas, próximos dos grupos animais e à margem dos grupos humanos: "De tão alto em sua estima, e cerimonioso, ganhava meia parecença com algum bicho, que nunca demuda de suas praxes (...). Nunca de seguro imaginara que um divertido de gente como aquele Gorgulho — que nem casa tinha, vivia numa gruta, perto dos urubus, definitivo sozinho — que pudesse se encosorar, assim, se dando tanto valor" (16). "Santo de sozinho santo: nunca tivera vontade de casar" (17). "Afora causa tão precipitada, só de longes meses, não mais de uma vez na roda do ano, era que um deles resolvia, deixava sua gruta, e espichava estrada, por mor de vir ver o outro irmão lapuz. — 'Mas, por que não poram juntos?' — 'O senhor disse?...' — e o Gorgulho fitava o frade, espantado com o despropósito" (17/18). Os dois irmãos estão próximos, também, dos santos. Acima (santos) e abaixo (animais) dos homens.

### 3 — OS TEMAS PLATÔNICOS

Os dois eixos básicos encontrados no "O Recado do Morro", os temas platônicos da *viagem* (os períodos) e do *reflexo* (cópia), como metáfora da vida que toma consciência de si no encontro com a morte (no momento em que se confunde com a morte), parecem-me os temas básicos não só deste conto, mas de toda a obra de João Guimarães Rosa. A quem quiser pesquisar neste sentido, certamente abrir-se-á vasto e fecundo campo de estudo. Basta, aqui, assinalar algumas instâncias, mais óbvias, dos referidos temas em outras obras do autor. "O Espelho", conto situado no meio do livro *Primeiras Estórias*, e que, como passagem do começo para o fim do livro, inverte o tema do primeiro conto — a morte — no tema do último conto — a vida lembrada, contada: a morte trans-

formada em vida, em nova espécie de vida, em lembrança. Aponto, em seguida, a figura de Diadorim, espelho ambíguo de Riobaldo, que o acompanha em longas viagens e que, morto, é lembrado, contado, por este último, em *Grande sertão: veredas*: a vida de Diadorim, companheiro de viagens e batalhas, é lembrada, contada, estreitamente articulada à vida de Riobaldo. Lembro, ainda, os reflexos olfativos que seguem Surupita em sua viagem ao *Ão*, e que lhe trazem a vida passada à lembrança, em *Corpo de baile*. E, ainda, os reflexos visuais das plantas, na excursão de José pelo mato das Três Águas, em "São Marcos", *Sagarana*. Ainda em *Sagarana*, o reflexo mau, diabólico, de Augusto Matraga, que quer ser santo: seu Joãozinho Bem-Bem; a longa e tortuosa viagem de fuga, perseguição, morte e lembrança, no "Duelo"; a viagem de Sete-de-Ouros, burrinho que não refletia. E inúmeras outras instâncias não tão claras e mais escondidas.

Finalmente, há ainda que assinalar, em "O Recado do Morro", um lado que não foi objeto de estudo até aqui e que aparece muito claramente no texto: o lado judeu-cristão, com um sombreado de elementos de origem oriental. Esta lado mereceria um estudo detalhado e limítimo-me, abaixo, a fazer observações preliminares, de caráter geral.

### 4 — ELEMENTOS ORIENTAIS E CRISTÃOS

Também quanto aos elementos judeu-cristãos e orientais do conto "O Recado do Morro" Plotino constitui uma valiosa indicação, propiciando, ao mesmo tempo, a possibilidade de articulação destes elementos ao lado grego, ao platonismo. Neoplatônico do século III, Plotino viveu numa era que Dodds (1968) chamou de "Age of Anxiety", no declínio do Império Romano e da tradição clássica e nos primórdios do Cristianismo. Neste período de instabilidade material e moral, florescem correntes filosóficas e religiosas variadas, entre elas o Cristianismo em suas várias seitas, paralelamente às concepções filosóficas e religiosas clássicas. Estas, em período de decadência, modificam-se, deformam-se ou são abandonadas no contato com novas idéias e com aquelas provenientes de outras culturas. O paganismo ainda não morrera e o Cristianismo nascente ainda não se solidificara em doutrina.

Em Plotino, persiste a noção platônica do universo como um todo harmônico, imagem do Eterno. O universo como imagem,

como cópia, traz em si, é certo, a noção da inferioridade da cópia em relação ao Modelo. O mundo sublunar é, para Platão, necessariamente eivado de mal (Teeteto, 176 A). Mas a relação entre Modelo e cópia não é, na tradição clássica, uma relação de oposição, mas sim de dependência: a cópia é inferior ao Modelo e depende dele. Não há, nessa tradição, uma condenação do universo — da cópia — como um todo. O dualismo implícito nessa doutrina não é total; não há ruptura entre Deus e o universo.

Por outro lado, nesta mesma época, surgem no Ocidente outras concepções do mundo que podem, segundo Dodds (1968), ser agrupadas sob duas formas principais: 1) o princípio que se opõe a Deus — o mundo — é visto como Destino, cujos agentes são os demônios planetários, os Guardiões das Sete Portas, que o separam de Deus; 2) o princípio que se opõe a Deus é tido como o princípio personalizado do Mal, o Senhor deste mundo sublunar e, em algumas versões, o seu criador.

A partir do primeiro século em diante, a crença nos demônios planetários, de origem babilônica, é popularmente admitida igualmente por judeus, cristãos, gnósticos e pagãos. Por outro lado, a crença no princípio do Mal personalizado, oriunda da Pérsia, aparece, de forma mais radical, nas suas manifestações cristã, gnóstica e hermética. Na tradição grega, não há a concepção do Mal personalizado. O diabo entra na cultura ocidental via Judaísmo, que transforma-o figura de Satanás: este passa de agente de Deus a seu adversário. Assim, o dualismo moderado, que encontramos no *Timeu*, aparece acentuado nas tradições orientais, introduzindo, nesta forma, uma ruptura abissal entre Deus e o Mundo. Daí o florescer, nesta época, de práticas ascéticas — de abandono do Mundo —, tanto em formas moderadas, ligadas à tradição clássica (como com os Estóicos), quanto em formas extremas, ligadas ao Cristianismo e à Gnose (como com os Padres do Deserto: o movimento eremita). O mundo é abandonado e o próprio corpo é torturado como pertencentes ao Mal.

Segundo Dodds (1968), o “desprezo pela condição humana e o ódio pelo corpo eram uma doença endêmica em toda a cultura dos três primeiros séculos” (p. 35), surgindo, como se disse, de forma extrema em suas manifestações cristã e gnóstica e de forma mais atenuada em suas manifestações pagãs, de origem helênica.

Com este afastamento radical entre Deus e o Mundo, surge, nesta época, a necessidade de mediadores entre os dois pólos tão

profundamente separados. Estes mediadores são, principalmente, de duas espécies: os sonhos e os profetas. Estes últimos são aqueles “que falam pelo sobrenatural” e aparecem tanto no âmbito pagão quanto no cristão. O Novo Testamento e os Padres da Igreja usavam a palavra “prophetai” ou “pneumatikoi” (cheios do Espírito) para designá-los. A maior influência dos profetas deu-se no âmbito do Cristianismo.

Diante do afastamento radical de Deus, este passa a falar aos homens através de seus profetas. Em alguns casos, Deus fala em seu próprio nome: o profeta fala na primeira pessoa. Em outros, o profeta fala em nome de Deus. Famoso, nesta época, como profeta, foi Montanus. O Montanismo foi uma heresia cristã, oriunda da tradição apocalíptica judeu-cristã. Tinha forte elemento milenarista e predizia a segunda vinda de Cristo e o início de uma nova era. Convertido ao Cristianismo, uma voz que não a sua, falava na primeira pessoa através de Montanus e dizia: “Veja, o homem dorme e eu estou desperto. Veja, é o Senhor que retira os corações dos homens e coloca neles outros corações” (Dodds, 1968:64). Sua principal revelação, como foi dito, era a segunda vinda de Cristo para terminar com o velho mundo, para julgá-lo e para instaurar o novo.

Armados destes dados, ao voltar os olhos para “O Recado do Morro”, encontramos as três concepções do mundo, vigentes nos primeiros anos da era cristã — no declínio do mundo pagão e na ascensão do mundo cristão —, tais como descritas por Dodds: o neoplatonismo, com sua dualidade moderada entre o Eterno e o Mundo, em relação de dependência e harmonia; a crença babilônica dos Guardiões das Sete Portas, os demônios planetários que separam os homens de Deus; e a doutrina persa da dicotomia entre os princípios do Bem e do Mal, em sua versão extrema no Cristianismo e no Gnosticismo.

A primeira concepção foi, acima, rastreada no texto do conto, baseando-se nos pontos de contato, aí encontrados, com o texto do *Timeu*.

A doutrina babilônica dos sete demônios planetários, superpõe-se à concepção do *Timeu* e acentua o aspecto maligno dos deuses planetários. No *Timeu*, estes deuses são inferiores a Deus, é certo, mas são suas cópias e, portanto, caminho para a volta da alma ao Modelo, ao princípio da Eternidade. Na doutrina dos Sete Guardiões, os planetas são demônios que, ao contrário, impedem

o caminho de volta da alma a Deus, fechando-o. No "O Recado do Morro", ao lado de D. Vininha, seo Juca Saturnino, Jove, Marciano, Nhô Hermes, Nhá Selena e Seo Apolinário, donos das fazendas no caminho de ida e volta de Pedro Orósio e de seu grupo, encontram-se o Hélio, o Lualino, o Jovelino, o Martinho, o Veneriano, o Zé Azougue (azougue: nome vulgar do mercúrio) e o Ivo Crônico, que o tentam matar, impedindo sua volta à terra natal.

Por outro lado, a doutrina persa da luta constante entre o Bem e o Mal, retomada em sua variante extrema no Cristianismo e na Gnose, com uma profunda ruptura entre os dois princípios, está também expressa no conto. A ruptura radical entre Deus e o Mundo, como vimos, traz a necessidade dos mediadores — dos profetas. Estes aparecem sob vários aspectos no "O Recado do Morro", dentre os quais os principais são o Malaquias (nome de profeta bíblico; homem que vivia como ermitão), o Nominatedmine e o Laudelim. O primeiro e o segundo assemelham-se aos eremitas, vivendo separados dos outros homens, em lugares desertos, desligados do mundo. O segundo acentua este aspecto ao manifestar mais nitidamente que o Malaquias o desprezo do corpo. O primeiro escuta a voz e a transmite. O segundo fala em nome de Deus: Nominatedmine. E o recado de Deus é recado de morte, de fim-de-mundo. É recado de morte do homem velho e de nascimento do novo mundo de Cristo. Laudelim é a lira que ressoa ao toque de Deus: é o profeta do recado do morro, da montanha.\*

No final do conto, o recado realiza-se: o velho Pedro Orósio morre e renasce, renovado, para as estrelas, para sua terra natal, para o Modelo, para Deus.

Encontramos, portanto, no "O Recado do Morro", vários sistemas de pensamento — platonismo, neoplatonismo, judaísmo, milenarismo, concepções orientais (babilônica e persa) em suas formas cristã e gnóstica —, que se articulam e se superpõem sem se deformar; cada sistema de pensamento acima mencionado mantém-se íntegro e independente a seu nível próprio de leitura. A articulação entre eles não se dá no direito do texto, mas sim no seu avesso — em João Guimarães Rosa.

\* Possível alusão a Montanus. Laudel: antiga vestidura militar própria para defender contra as espadas. Laúde: alaúde. Laudével: Louvável.

## NOTAS

1. "And when the Father that engendered it perceived it in motion and alive (a Alma), a thing of joy to the eternal Gods, He too rejoiced; and being well-pleased He designed to make it resemble its Model still more closely. Accordingly, seeing that Model is an eternal Living Creature, He set about making this Universe, so far as He could, of a like kind. But inasmuch as the nature of the Living Creature was eternal, this quality it was impossible to attach in its entirety to what is generated; wherefore He planned to make a movable image of Eternity ('aion'), and, as He set in order the Heaven, of that Eternity which abides in unity He made an eternal image, moving according to number, even that which we have named Time" (Timaeus, 37-cde).  
"Wherefore, as a consequence of this reasoning and design on the part of God, with a view to the generation of Time, the sun and the moon and five other stars which bear the appellation of 'planets', came into existence for the determining and preserving of the numbers of Time. And when God had made the bodies of each of them He placed them in the orbits along which the revolution of the Other was moving, seven orbits for the seven bodies" (Timaeus, 38-cd).
2. "Nevertheless, it is still quite possible to perceive that the complete number of Time fulfils the Complete Years when all the eight circuits, with their relative speeds, finish together and come to a head, when measured by the revolution of the Same and Similarlymoving" (Timaeus, 39-d).
3. "And the Soul, being woven throughout the Heaven every way from the centre to the extremity, and enveloping it in a circle from without, and herself revolving within herself, began a divine beginning of unceasing and intelligent life lasting throughout all time. And whereas the body of the Heaven is visible, the Soul is herself invisible but partakes in reasoning and in harmony, having come into existence by the agency of the best of things intelligible and ever-existing as the best of things generated" (Timaeus, 36-e; 37-a).
4. "And it is no longer difficult to perceive the truth about the formation of images in mirrors and in bright and smooth surfaces of every kind. It is from the combination with each other of the inner and the outer fires, every time that they unite on the smooth surface and are variously deflected, that all such reflections necessarily result, owing to the fire of the reflected face coalescing with the fire of the vision on the smooth and bright surface" (Timaeus, 46-ab).  
"Now all these are among the auxiliary Causes which God employs as his ministers in perfecting, so far as possible, the form of the Most Good; but by the most of men they are supposed to be not auxiliary but primary causes of all things — cooling and heating, solidifying and dissolving, and producing all such effects. Yet they are incapable of possessing reason and thought for any purpose. For, as we must affirm, the one and only existing thing which has the property of acquiring thought is Soul; and Soul is invisible, whereas fire and water and earth and air are all visible bodies; and the lover of thought and knowledge must needs pursue first the causes which belong to the Intelligent Nature, and put second all such as are of the class things which are moved by others, and themselves, in turn, move others because they cannot help it. And we also must act like. We must declare both kinds of Causes, but keep distinct those which, with the aid of thought, are artificers of things fair and good, and all those which are devoid of intelligence and produce always accidental and irregular effects" (Timaeus, 46-cde)

5. "Concerning sound also and hearing, once more we make the same declaration, that they were bestowed by the Gods with the same object and for the same reasons; for it was for these same purposes that speech was ordained, and it makes the greatest contribution thereto; music too, in so far as it uses audible sound, was bestowed for the sake of harmony. And harmony, which has motions akin to the revolutions of the Soul within us, was given by the Muses to him who makes intelligent use of the Muses, not as an aid to irrational pleasure, as is now supposed, but as an auxiliary to the inner revolution of the Soul, when it has lost its harmony, to assist in restoring it to order and concord with itself" (*Timaeus*, 47-cd).
6. "And he that lived his appointed time well shall return again to his abode in his native star, and shall gain a life that is blessed and congenial; but whoso has failed therein shall be changed into women's nature at the second birth; and if, in that shape, he still refraineth not from wickedness he shall be changed every time, according to the nature of this wickedness, into some bestial form after the similitude of his own nature; nor in his changings shall he cease from woes until he yields himself to the revolution of the Same and Similar ('tauto kai omoiou periodo') that is within him, and dominating by force of reason that burdensome mass which afterwards adhered to him of fire and water and earth and air, a mass tumultuous and irrational, return again to the semblance of his first and best state ('protes kai aristes eidos')" (*Timaeus*, 42-bcd).
7. "These (períodos do Universo) each one of us should follow, rectifying the revolutions within our head, which were distorted at our birth, by learning the harmonies and revolutions of the Universe, and thereby making the part that thinks like unto the object of its thought, in accordance with its original nature, and having achieved this likeness attain finally to the goal of life which is set before men by the gods as the most good both for the present and for the time to come" (*Timaeus*, 90-d).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DODDS, E. R. *Pagan and Christian in an Age of Anxiety* (Some aspects of Religious Experiences from Marcus Aurelius to Constantine) — CUP, London, 1968.
- GUIMARÃES ROSA, João. "No Urubuquaquá, no Pinhém", in *Corpo de baile*, 6.ed., Editora José Olympio, Rio, 1979.
- PLATO. *Timaeus*. Loeb Classical Library, London (tradução do Rev. R. G. Bury).